



ARTIGO

Informação social e cultura informacional *uma análise fílmica da obra "o menino que descobriu o vento"*

Viviane Holanda Cabral¹  <https://orcid.org/0000-0002-3163-7894>

Luiz Tadeu Feitosa²  <https://orcid.org/0000-0002-6159-7985>

Lidia Eugenia Cavalcante³  <https://orcid.org/0000-0002-3190-6900>

¹ Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. / e-mail: vivianeholanda@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. / e-mail: tadeu.feitosa62@gmail.com

³ Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. / e-mail: cavalcantelidiaeugenia@gmail.com

RESUMO

Busca refletir sobre as teorias relacionadas ao conceito de informação social e cultura informacional, ou seja, produção/construção, comunicação/veiculação e consumo/apropriação, à luz de análise fílmica da narrativa, baseada em uma história real, cujo enredo chegou ao cinema com o título "O menino que descobriu o vento". Objetiva compreender o papel da biblioteca como geradora de transformação social, a partir da participação do bibliotecário/mediador como integrante do processo de mediação da informação e construção do conhecimento. Para tanto, buscou-se o entrelaçamento dos conceitos de cultura e informação social a partir do papel social e simbólico das bibliotecas, o que se configurou como condição essencial para relacionar tais teorias no âmbito deste estudo. Para fundamentar as teorias apresentadas e sua inter-relação com o fluxo da informação social, destaca-se as três dimensões abordadas por Cardoso (1994) e elabora-se uma tabela relacionando historicidade, totalidade e tensionalidade da informação com trechos do filme ora estudado. Dessa forma, identifica-se as relações entre o conhecimento produzido e o papel da biblioteca na apropriação da informação, a partir da diversidade de processos e relações cotidianas vivenciadas pelos personagens da obra. Conclui-se ressaltando o quão relevante é o poder da informação social construída por meio do acesso ao conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Fluxo da informação. Cultura e informação. Mediação da informação. Informação social. Biblioteca escolar.

Social information and information culture *a film analysis of " The boy who harnessed the wind"*

ABSTRACT

Seeks to reflect on the theories related to the concept of social information and information culture, that is, production/construction, communication/veiculation and consumption/appropriation, in the light of film analysis of the narrative, based on a real story, whose plot reached the cinema with the title " The boy who harnessed the wind". The objective is to understand the role of the library as a generator of social transformation, based on the participation of the librarian/mediator as part of the process of mediation of information and construction of knowledge. To do so, the concepts of culture and social information were intertwined based on the social and symbolic role of libraries, which was configured as an essential condition to relate such theories within the scope of this study. In order to ground the theories presented and their interrelationship with the flow of social information, the three dimensions addressed by Cardoso (1994) are highlighted and a table is elaborated relating

historicity, totality and tension of the information with excerpts from the film studied. In this way, the relationships between the knowledge produced and the role of the library in the appropriation of information are identified, based on the diversity of processes and daily relationships experienced by the characters of the work. We conclude by emphasizing how relevant is the power of social information built through access to knowledge.

KEYWORDS

Information flow. Culture and information. Information mediation. Social information. School library.



JITA: DE. School libraries.

1 INTRODUÇÃO

Podemos definir cultura como um conjunto de padrões de comportamento, de mitos e de crenças, criados pelos seres humanos, em determinado local e época, e compartilhados socialmente e que se manifestam a partir do nosso estar no mundo (LARAIA, 1993). A cultura propicia o reinventar de sentidos, uma vez que é possível afirmar, também, que cultura é um tecido flexível, dinâmico e plural, inventivo e criador (CERTEAU, 2014), que nos torna agentes de transformação, bem como somos transformados por ela. Ou seja, temos a capacidade de questionar nossos habitus como sujeitos no mundo contemporâneo que se renova continuamente pela cultura e é produtor de referências identitárias e de identificações.

A cultura é socialização e está relacionada tanto com a educação que recebemos das instituições de ensino, como é oriunda das relações sociais às quais vivenciamos no cotidiano (CERTEAU, 2014), por meio e a partir das “teias de significação” que vamos tecendo no decorrer da vida. (GEERTZ, 2015).

Nesse contexto, entendemos as bibliotecas como espaços cujas relações com a cultura são estreitadas a partir do pensamento de que se trata de um campo privilegiado de saberes, que se faz necessariamente democrático para a promoção, renovação e apropriação da informação a ser reproduzida criticamente, valorizada e disseminada como mediação cultural presente no cerne da própria Cultura. Portanto, é um campo de acesso aos bens simbólicos produzidos, cultural e socialmente, e de ressignificação do conhecimento.

Com o propósito de evidenciar o poder de transformação e de mudança social possível que se dá a partir de uma biblioteca e de sua presença em uma comunidade, selecionamos o filme “O menino que descobriu o vento” para refletirmos sobre essa temática. O título pode ser considerado uma previa do desfecho final, mas o que vai nos interessar para essa discussão acerca do enredo é a trajetória vivenciada por seu protagonista. É fato que essa obra pode suscitar inúmeras reflexões sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais. Entretanto, para este estudo, optamos por destacar a forte presença da biblioteca e o seu papel transformador sem, contudo, fugir de todas essas dimensões elencadas, que entrelaçam cultura, ciência e história de vida, observadas em condições de precariedade e desigualdades sociais tão comuns em muitos países, independente das fronteiras geográficas ou socialmente históricas.

A metodologia utilizada é de análise fílmica da narrativa, baseada na leitura crítica de um enredo produzido para o cinema a partir de uma história real (autobiográfica) vivida por William Kamkwamba em sua juventude, num vilarejo em Malawi, na África, lançado em 2019 pelo serviço de streaming Netflix, dez anos após a publicação do livro, em 2009. A produção cinematográfica foi selecionada para este estudo por identificarmos nela a forte presença da biblioteca, demonstrando o seu indiscutível papel nas cenas que evidenciam a produção, veiculação e apropriação da informação para produção do conhecimento por parte do protagonista.

Há, neste estudo, o propósito de demonstrar o poder de mudança que uma biblioteca pode proporcionar ao tornar a informação acessível, mesmo com toda a precariedade percebida na mesma. Para tanto, selecionamos o filme “O menino que descobriu o vento”, uma narrativa que conta a história de vida de uma família de pequenos agricultores de grãos, que tenta sobreviver em meio a uma crise de recursos econômicos no país, provocada por problemas climáticos como chuva excessiva e seca, bem como por questões severas de disputas da política local. É baseada na história real de William Kamkwamba, um menino que, sem poder frequentar as aulas, pois a família não conseguia pagar a mensalidade, busca na pequena biblioteca, saberes para pôr em ação sua ideia de como ajudar a família e a comunidade a superar a fome e a miséria.

2 A ANÁLISE FÍLMICA DA NARRATIVA COMO RECURSO METODOLÓGICO

A análise fílmica tem sido um recurso muito utilizado como metodologia, especialmente em estudos no âmbito das ciências humanas e sociais. Tem contribuído sobremaneira para trazer à reflexão temas com forte destaque social, político, cultural ou educacional. Penafria (2009, p. 1) defende que o objetivo da análise fílmica é “[...] explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação.” Outrossim, a crítica feita por meio da análise fílmica objetiva, por sua vez, avaliar e atribuir um juízo de valor a um determinado enredo, associando o valor percebido da produção a um determinado fim, como a sua contribuição para a discussão de uma temática, cinematografia, estética narrativa, veracidade, dentre outros fatores.

Para Vanoye e Golliot-Lété (2009), um filme é um produto cultural situado num contexto social e, para uma análise do filme em si, é preciso decompor os elementos. Contudo, vale ressaltar que é necessário tomar cuidado para que não se construa outro filme – ou seja, a obra analisada “[...] é ponto de partida e o ponto de chegada da análise.” (VANOYE; GOLLIOT-LÉTÉ, 2009, p. 15).

A fim de atender aos objetivos propostos neste estudo, voltados para a discussão e exemplificação do conceito da informação social a partir da biblioteca inserida em realidades complexas, selecionamos esse filme que ilustra em sua narrativa a capacidade de uma biblioteca, mesmo com todas as suas dificuldades e limitações, de ser um espaço de mediação entre si e os cotidianos das comunidades e suas táticas de e para a construção de sentidos na comunidade a qual faz parte. (CERTEAU, 2014; GEERTZ, 2015).

Para aprofundamento do aporte teórico o estudo alicerçou-se a partir de autores como Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012), Cardoso (1994), Marteleto (1994), Cavalcante (2014; 2016; 2017) e dentre outros que abordam com maestria a mediação da informação, informação solidária, informação e desenvolvimento local. O entrelace dialógico foi à luz dos conceitos de cultura e cultura informacional abordados por Caune (2014), Laraia (1993), Certeau (2014), Geertz (2015), Feitosa (2016), além de outros estudiosos que contemplam os propósitos reflexivos desta análise fílmica.

2.1 A biblioteca que transforma sonho em realidade e os moinhos de ventos

O “*Menino que descobriu o vento*” (título original: *The boy who harnessed the wind*) é um drama britânico, exibido pela primeira vez na seção de estreia do *The Sundance Film Festival*, de 2019. A obra foi dirigida e estrelada por Chiwetel Ejiofor, é baseada no livro homônimo de memórias, ainda não disponível em português, de William Kamkwamba e do repórter Bryan Mealer. O filme atualmente encontra-se disponível para transmissão em uma provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*. Foi indicado para concorrer ao prêmio de “melhor longa-metragem internacional” na 92ª edição do Oscar, em 2020.

A obra cinematográfica, de 113 minutos, narra a história de vida de um garoto de treze anos, William Kamkwamba, em um vilarejo no Malawi, no continente africano. William é um jovem que encara a fome, a pobreza extrema, a negligência política e outras questões inerentes a um contexto social, cultural e de condições climáticas completamente adversas. Por outro lado, o jovem se destaca por protagonizar situações desfavoráveis com determinação, perseverança, otimismo, criatividade e desejo de aprender. Ele e a família – pai, mãe, uma irmã mais velha e um irmão bebê – vivem em Kasungu, no Malawi, país apelidado de “*The Warm*

Heart of Africa"¹ (Coração Quente da África), por uma referência à reconhecida simpatia do povo.

William é um jovem com forte desejo de estudar e aprender, para tanto, tem que enfrentar as dificuldades para ingressar na escola, devido às condições financeiras da família, cuja única fonte de renda é a agricultura, sempre sujeita às condições climáticas locais. Para ajudar a família a sobreviver, ele realiza pequenos consertos em rádios para a vizinhança, buscando em um ferro-velho os componentes eletrônicos necessários para a sua atividade, ali descartados.

No ano de 2002, uma forte seca, causada pela sazonalidade climática, a ação humana e as questões políticas e econômicas locais, assola o país. A família Kamkwamba, assim como os demais habitantes do vilarejo, perdem toda a plantação e passam a enfrentar um ano de muitas dificuldades com a falta de dinheiro e a fome que se alastra. A curiosidade científica de Willian, ao mesmo tempo que é prejudicada por sua expulsão da escola por incapacidade de pagar as mensalidades, recebe impulso quando ele se vê obrigado a frequentar a biblioteca da escola de forma clandestina, por iniciativa astuciosa e o desejo de aprender.

A biblioteca da escola traz consigo a visão notória da situação precária de muitas instituições de ensino presentes no mundo inteiro, especialmente em lugares cuja ação política é predatória e os alunos são submetidos a salas de aula sem a menor condição de aprendizado. Nessa mesma situação, as bibliotecas escolares são vistas com descaso e como espaço desnecessário, cujos investimentos humano e material, na maioria das vezes, sequer existem.

A seca se agrava e a família do protagonista tem cada vez menos alimentos. Vários membros da aldeia fogem para cidades vizinhas em busca de comida ou acabam morrendo de fome e doenças associadas à desnutrição. William não desiste de tentar buscar uma saída para a situação enfrentada por todos. E é na biblioteca da escola, com toda a precariedade existente – livros velhos, rasgados, desatualizados, empoeirados e sem a mínima condição de estudo – que ele busca respostas para inquietações que surgem em sua mente observadora, questionadora e com forte desejo de aprender. Com a cumplicidade e o apoio da bibliotecária (talvez apenas uma funcionária da escola sem formação específica para tal), ele descobre um livro chamado ‘*Using Energy*’, que mudaria para sempre a sua vida. Kamkwamb aprende sozinho sobre energia eólica. E, a partir das informações contidas na obra, ele constrói um pequeno protótipo de um moinho de vento adaptado e acessível com material reciclável a partir de um dínamo e de uma bicicleta velha que poderia gerar energia e puxar a água de poços profundos para irrigação. Apesar da inovação proposta e das possibilidades de sucesso, Willian tem que lidar com a falta de credibilidade, especialmente do pai que não vê no invento algo útil e o destrói, gerando fortes conflitos familiares. Isso não apaga a perseverança do filho que continua a lutar para que todos colaborem e compreendam que a mudança deve se dar coletiva e colaborativamente.

A aldeia fica cada vez mais vazia e os grãos escassos. Os Kamkwamba passam a fazer somente uma refeição por dia. A filha mais velha foge com o professor de ciências com o pensamento de que assim seria “menos uma boca para alimentar”. Eles deixam o dínamo utilizado na bicicleta de presente, para ajudar na construção do projeto. William convence os amigos a ajudá-lo a construir o moinho de vento em escala maior, mas para finalizar o projeto ele precisa que seu pai doe a bicicleta, a única restante da aldeia e o único meio de locomoção da família, para retirar as peças. O pai continua a achar inútil a ideia do filho e os amigos abandonam o projeto por falta de perspectivas. O pai já se encontra totalmente sem esperanças, com sentimento de fracasso, por não poder prover a família. Entretanto, após interferência da

¹ Informação disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Malawi>. Acesso em: 13 nov. 2019

mãe, ele passa a ver no filho uma faísca de esperança, oferecendo a bicicleta a William e auxiliando na execução do projeto. Abaixo, transcrevemos belíssimo trecho do filme que marca a cena descrita anteriormente:

01:34:41– William – Me desculpe, pai.
01:34:43 – Trywell – Às vezes são sonhos, e às vezes são só mentiras.
01:34:52 – William – Isto não é um sonho, pai. Não estou sonhando.
01:35:03 – Trywell – Foi por isso que ele não deixou a terra para mim. Ele não acreditou em mim. Ele nunca acreditou. Ele sabia que eu falharia. Como falhei. [Trywell se referindo a herança do pai, que deixou para o outro filho]
01:35:24 – William – Você nunca falhou, pai. Nunca. Eu fui para escola.
1:35:43 – Trywell – Água?
01:35:46 – William – Sim, senhor.
01:35:51 – Trywell – Do vento.
01:35:54 – William – Pode funcionar, se você me ajudar.
01:36:11 – Trywell – Tudo bem.

Desta forma, com o desejo de aprender e o conhecimento adquirido nos livros, um moinho foi construído a partir de artefatos encontrados no lixo, o dínamo que a irmã e o professor deixaram, peças da bicicleta da família e a ajuda de seus amigos e dos membros restantes da aldeia. Assim, com a ajuda de todos, o moinho de vento em tamanho real passa a irrigar a plantação, a agricultura volta a prover o alimento para a comunidade, e a fome deixa de ser uma realidade local. Essa é a história da vitória de William sobre a tragédia que foi vencida com persistência, criatividade, inovação e, acima de tudo, informação, sem a qual ele não teria elementos para pensar a construção do moinho.

A biblioteca da escola traz consigo forte poder simbólico em relação ao conhecimento, ao acesso e apropriação da informação. É destaque também os contrastes que ela permite que se observe entre as precariedades materiais e do exercício profissional. Essa ambiência, para além do apelo dramático que a obra apresenta de forma comovente, pode ser vista como excelente reflexão tanto para a prática educativa quanto para o lugar da biblioteca no contexto social e pedagógico e nas formas como ocorrem a mediação da informação. E, no ato de mediar que se vislumbra no diálogo entre a bibliotecária e o jovem Willian, ambos são transformados, pois ao mesmo tempo em que a informação é facilitadora, ela também é transformadora.

A biblioteca, para o jovem Kamkwamba, passa a ser lugar livre, divergente da estrutura hierarquizada da escola e dos discursos do rígido diretor. É um campo ideal e real de acesso aos bens simbólicos produzidos pelo conhecimento. Dessa relação com a biblioteca e a mediação da bibliotecária, Willian cria algo onde antes imperava o vazio da fome e da seca. Algo gerado pelo processo complexo de criações simbólicas, de sentidos e significados oriundos do conhecimento. Algo insustentável, facilmente levado pelo vento, se não estivesse interligado ao contexto social, histórico e cultural.

3 CULTURA E INFORMAÇÃO: TECENDO MEDIAÇÕES PARA O CONHECIMENTO

Olhar as práticas informacionais sob o prisma da cultura nos leva a compreender que, entre ambas, existe subjetividades inerentes aos lugares nos quais se constrói a realidade e onde o conhecimento é tecido. E, nesses espaços de apropriação da cultura, também circulam os saberes e suas interações simbólicas por meio das práticas culturais que se realizam entre os sujeitos.

Como afirma Feitosa (2016, p. 102),

A cultura é o processo através do qual o homem cria o algo onde antes imperava o nada. Esse algo é toda complexidade de criações simbólicas, de sentidos e significados que damos às coisas e ao mundo. Um “algo” que não se sustenta se não se entender os processos culturais como mecanismos de mediação entre nós e os fenômenos.

A afirmação acima nos ajuda a compreender as subjetividades da cultura, tão bem identificadas no filme ora analisado, se entendermos esse termo como um conjunto de padrões de comportamento, de mitos e de crenças, criados por nós em um determinado local e época e compartilhados socialmente. A cultura interage com a socialização e a educação que recebemos, tanto das instituições de ensino, como também dos nossos pais e do meio em que vivemos. Dessa forma, o importante é pensar que a cultura é um tecido flexível, em que nós somos agentes dinâmicos e aptos a construirmos cotidianos por sistemas simbólicos capazes de dar sentido às nossas vidas e estabelecer táticas e artimanhas para modificá-las. (CERTEAU, 2014).

Etimologicamente, a palavra “cultura” vem da ideia de cultivo – no sentido mesmo de cultivar a terra. O mesmo sentido abraça outras semânticas e simbolismos, como as ordenações simbólicas do “cultivo” de cerimônias religiosas e demais “teias de significação”, de que nos fala Clifford Geertz (2015). Entretanto, uma definição mais abrangente de cultura foi sintetizada pelo antropólogo britânico Eduard Tylor, no final do século XVIII, como destaca Laraia (1994). Existia uma palavra germânica que é *kultur*, relacionada aos aspectos espirituais de uma sociedade, e havia outra palavra francesa *civilization*, que se referia às conquistas materiais de uma sociedade. Taylor sintetizou esses dois termos em um único vocábulo inglês *culture*, abrangendo a complexidade de ambos (*kultur* e *civilization*) em uma só palavra.

Tylor, além de traduzir em sentido amplo o conceito de cultura, consegue marcar a separação entre cultura e processo de aquisição inata, ou seja, “[...] transmitida por mecanismo biológico [...]”, como queriam os deterministas. Essa teoria revela que, na verdade, muitos dos nossos padrões de comportamento estão relacionados ao aprendizado e não a um instinto biológico. Isso evidencia, também, a superação do orgânico sobre a natureza, distanciando o sujeito do animal. Laraia (1994) explica que superamos o processo de adaptação natural, os animais desenvolvem as asas e nós desenvolvemos o avião, ou seja, o ser humano é a única espécie capaz de criar seus próprios instrumentos de adaptação diferenciando-se dos outros animais.

Marteletto (1994, p. 132) destaca que a cultura é um “termo em aberto, sempre sujeito a novas abordagens”, porque é tecida nas práticas sociais e no contexto histórico, com o objetivo de “alcançar seus sentidos específicos” e ordenar a prática social. Como afirmado por Caune (2014, p. 61), “os fenômenos culturais são vivenciados pelo indivíduo, mas suas significações são válidas somente dentro de um quadro histórico e social.” Podemos dizer, portanto, que “para perceber o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou.” (LARAIA, 1993, p. 57).

Considerando os diversos contextos culturais nos quais os sujeitos estão inseridos, ressignificando continuamente a cultura e seus pressupostos contemporâneos, entendemos como necessário relacionar esse termo ao conceito de informação e às suas diferentes formas de apropriação no contexto social. Capurro (2007), ao apresentar diversos conceitos de informação, salienta que a informação é uma “força constitutiva”, *bits*, no sentido de dar forma, como um termo mutante, como conhecimento, como disciplina etc. Ocorre que, em suas abordagens conceituais, é destacada a necessidade indissociável das “funções que damos” no “contexto social e cultural” ao termo informação. Podemos, portanto, inferir que a informação é um fenômeno cultural e social interligado, “algo construído, disseminado e reverberado a

partir das relações advindas das dinâmicas humanas.” (MENDONÇA; FEITOSA; DUMONT, 2019, p. 2)

Feitosa (2016, p. 99) defende ser necessário “situar os processos informacionais nos contextos culturais”, visto que são “fios de um mesmo tear.” A informação é tecida “pelas vivências e experiências socioculturais” (MENDONÇA; FEITOSA; DUMONT, 2019, p. 8), onde os sentidos “mudam, se intercambiam” revelando “o espaço ambivalente das linguagens em atualizações constantes de seus significados e do próprio caráter fenomenológico da informação produzida, difundida e recebida, sempre a criar novas semioses” (FEITOSA, 2016, p. 109).

Marteleteo (1994, p. 132-133) afirma que a informação é,

Uma resposta que nos é dada por uma determinada tradição cultural, na qual vivemos e nos sentimos seguros. Ela é, nesse sentido, a expressão simbólica materializada em instituições, discursos e práticas, de uma verdade. É ainda o elemento de continuidade do passado, reelaborado e reinterpretado à luz do tempo presente que nos organiza e constitui o princípio da nossa identidade, no qual estão pautadas nossa teoria e nossa prática.

Desse modo, é possível pensar cultura e informação no contexto das suas subjetividades e interlocuções, mesmo que ambos os termos apresentem singularidades. Estudos no campo da Ciência da Informação, por exemplo, destacam os dois conceitos e seus usos sob o prisma da mediação quer sejam: mediação cultural e mediação informacional, vinculando-os ao termo apropriação e distanciando-os da mera recepção de consumo de informação e de bens culturais para ligá-los às práticas sociais (CAVALCANTE; NUNES, 2017).

Dessa forma, importa perceber a informação como “geradora do plural e do múltiplo” (MARTELETO, 1994, p. 134), não atrelada a um sentido reprodutivo e normativo, outrossim, “sujeita a interpretações e relações intersubjetivas, que por sua vez são improváveis porque as culturas tecem teias de significados a partir de complexos fios que tanto afetam as relações humanas, como permitem, por elas, serem afetadas” (MENDONÇA; FEITOSA; DUMONT, 2019, p. 13).

Feitosa (2016, p. 108) completa esse pensamento ao afirmar que,

É necessário focar no humano e nas suas particularidades individuais; suas inclinações identitárias; seu papel na construção de sua cultura, identidade, memória e tradição. Mas o foco da ciência e do seu viés investigativo transdisciplinar deve também se voltar para o lado social do indivíduo; sua vida em cultura; os modos necessários para ele garantir sua sobrevivência. É preciso pensar mais na transcendência do humano do que na permanência das “epistemologias engaioladas”.

Mesmo compreendendo a importante e necessária conceituação dos fenômenos culturais e sociais, é na prática que eles se desenrolam permitindo que se lance luz sobre possibilidades etnográficas para percebermos os sujeitos em seu *habitus*. Para percebermos os sujeitos em seus cotidianos.

4 INCURSÕES ENTRE A INFORMAÇÃO SOCIAL E A REALIDADE

Com base no que já foi exposto, a perspectiva social, cultural e histórica está presente na essência do conceito amplo e interdisciplinar de informação. Apoiando-se nessa afirmação, podemos compreender que a informação tem indiscutível relevância no âmbito das relações sociais, o que sempre foi destaque nas teorias de Paulo Freire, em obras como “Educação como

prática de liberdade” e a “A pedagogia do oprimido” publicadas em 1965, “A importância do ato de ler” (1982), “A pedagogia da esperança” (1992) e “A pedagogia da autonomia (1996)”. Obras que valorizam o poder transformador da educação, amparada pelo direito à informação e à cultura.

Numa leitura antropológica da informação, seu processo de construção como objeto de estudo só se complementa quando se levam em conta, concretamente, as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural e as relações práticas e representações dos sujeitos, cada vez mais mediadas por um modo informacional e competente de ser e estar em sociedade. (FREIRE, 2006, p. 59)

Identificamos a perspectiva sociocultural histórica na construção técnica da fotografia do filme “O menino que descobriu o vento”, que se utiliza de recursos visuais, por exemplo, cores e luz para transmitir tanto a beleza poética e estética do lugar, tão comuns nas obras literárias, quanto as precariedades que se observa no cotidiano do vilarejo. Esses fenômenos são oriundos das adversidades climáticas e, também, das ações política e econômica humanas, às quais o enredo visa evidenciar e que tornam a obra notória pela realidade do vivido. Essas características também são identificadas no cenário da biblioteca da escola, que não contrasta com a realidade local. Pelo contrário, reafirma que as disputas políticas e econômicas refletem no espaço escolar, na atuação do professor, na forma como os estudantes percebem o papel da educação e na falta de valorização que é dada ao conhecimento.

Como observamos, as estruturas materiais e simbólicas, as relações práticas e as representações dos sujeitos, ou seja, os costumes, valores, mitos e tabus são fenômenos interligados ao processo de informar, sendo fundamentais na construção da realidade sócio informativa.

Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012, p. 35) também enfatizam a necessidade de conhecer as convergências e necessidades do fluxo informacional, “elementos e momentos da dialética social” e exemplificam: “o lugar ocupado pelo profissional da informação na estrutura social, o lugar que a sociedade dá à biblioteca e o lugar que a biblioteca dá aos indivíduos.” (tradução nossa)

Las entidades de información son un espacio democratizador que ofrece espacios de comunicación con otras personas, contemporáneas y del pasado, para construir posibles escenarios. Por tanto no son sólo un fenómeno social y cultural, sino también un importante segmento de la red de comunicación, y su comprensión es esencial para el profesional de la información, cuyo propósito es la de comunicar la información y el saber. (SHERA, 1990 *apud* RENDÓN-ROJAS; GARCÍA-CERVANTES, 2012, p. 33)

Por essa ótica, a informação social integra o “processo de comunicação cotidiana que ocorre entre os sujeitos e envolve interações sociais e trocas.” Portanto devemos atentar para a necessidade de contextualizar no campo semântico “o lugar de fala dos sujeitos”, onde convergem as necessidades sócio informativas e problemáticas do sujeito. (CAVALCANTE, 2016, p.7).

Cardoso (1994, p. 107-108), ao discorrer sobre informação social explica que,

[...] Com efeito, a qualificação “social”, na medida em que podemos considerar como “social” qualquer processo de produção/organização/consumo de informação, uma vez que ele acontece entre grupos, segmentos, classes, - ou seja, a geração e apropriação de informações só ocorre no âmbito da sociedade, das relações sociais.

Para o propósito deste estudo, destacamos as três dimensões abordadas por Cardoso (1994) e elaboramos um quadro relacionando a *historicidade*, *totalidade* e a *tensionalidade* da

informação com trechos do filme em análise. Dessa forma, podemos identificar os saberes, as práticas informacionais e o conhecimento produzido e, ainda, analisar a diversidade de processos e as relações cotidianas entre os personagens.

Quadro 1 – Dimensões da informação social

Dimensões abordadas por Cardoso (1994)	Informação Social	Filme “O menino que descobriu o vento”
<p>1. Historicidade dos sujeitos e dos objetos</p>	<p>A informação, como fenômeno, resulta da acumulação, ampliação e compreensão, ao longo do tempo de saberes / vivências/experiências/ conhecimento sobre si e sobre o contexto social.</p>	<p>No início do filme já é perceptível que Willian (o protagonista) tem certo conhecimento sobre a produção de energia. Ele conserta rádios a pilha para ajudar a família, portanto compreende o seu funcionamento. Ao longo do enredo, ele vai construindo novos saberes, ao frequentar a escola, ao observar o dínamo da bicicleta do professor e ao buscar informação na biblioteca. Entretanto, o desejo de conhecer e a busca por informação tem motivação no contexto e realidade social da comunidade, que se agrava pela falta de chuva, trazendo a cada dia mais fome, morte e menos perspectivas de chuva.</p>
<p>2.Totalidade dos fenômenos sociais</p>	<p>A sociedade é vista como uma “estrutura orgânica”, não sendo possível isolar os fenômenos sociais do contexto de suas ocorrências.</p>	<p>Toda ação tem sua consequência. A venda de terras para extração de madeira de forma predatória, provoca enchentes e erosão do solo, perda da colheita, a escassez de alimentos, causando a fome, êxodo e conflitos. Willian é forçado a abandonar a escola, e sua irmã foge com o professor, seu namorado, com o propósito de ser "menos uma boca pra alimentar."</p>
<p>3.Tensionalidade constante</p>	<p>Presente socialmente, influencia as relações e a produção de sentido sobre o social em um terreno de disputas pela hegemonia e relações de poder, visivelmente marcada pelas questões políticas, sociais e econômicas.</p>	<p>A política é presente como plano de fundo do enredo, tão comum em realidades sociais e econômicas desiguais. Logo nos primeiros momentos do filme, se percebe na fala do pai de Willian: “A democracia é igual a mandioca importada: apodrece rápido.” Os conflitos também ocorrem entre famílias, que discordam sobre a venda de terras. As disputas ficam ainda mais acirradas no decorrer do enredo, tendo o clímax com a visita do presidente, que nega estar</p>

		ocorrendo uma crise de alimentos. O chefe da aldeia, por sua vez, é espancado por denunciar a problemática vivenciada pela comunidade, durante referida visita. Na maioria das cenas, Willian sente as tensões dos conflitos de perto. Em alguns momentos como expectador, em outros, tentando atuar efetivamente.
--	--	--

Fonte: Os autores a partir de Cardoso (1994)

Quando tensionamos problematizar a *historicidade* dos sujeitos a partir dos enfrentamentos cotidianos, vislumbramos a informação social como elemento fundamental à medida em que é ela que estabelece as relações inerentes à construção e apropriação dos saberes. Neste estudo, especificamente, trazemos como *locus* de análise os espaços da vida cotidiana – com destaque para o vilarejo e a vivência dos sujeitos e de suas práticas notadamente na família, na agricultura, na religiosidade, na política e na cultura. Voltamos a tratar, então, sobre a subjetividade da cultura e da informação, já discutida anteriormente. Ao refletir sobre o sujeito informacional, estamos lidando tanto com a sua inserção individual em um dado contexto histórico, quanto às suas relações com um dado objeto e realidade. Ou seja, essa presença do sujeito pode ocorrer de forma efetivamente emancipatória ou mesmo alienante, a depender de como o indivíduo se insere no contexto social e do seu posicionamento de enfrentamento, de consciência e compreensão para produzir significados. Essa afirmação pode ser constatada ao observar as ações do protagonista do filme (Willian) relativamente ao posicionamento do pai ou mesmo dos demais jovens da comunidade.

Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012, p. 31) apresentam discussão sobre a “Epistemología de la Identidad Comunitaria-Informacional (EIC-I)” valendo-se de um *corpus* analítico de construção do saber relacionando-o à identidade dos sujeitos em uma comunidade e, dessa feita, constituindo uma identidade comunitária que se dá mediante relações com o mundo informativo.

De manera muy general podemos decir que el objetivo de la epistemología social es identificar las fuerzas e influencias sociales que institucionalizan las creencias en comunidades, y determinan o condicionan las formas de producción, organización, circulación y uso del conocimiento. (RENDÓN-ROJAS E GARCÍA-CERVANTES, 2012, p. 31)

A *totalidade* é uma das categorias do método dialético de Marx (1988) e que, ao reportarmos aos estudos dos fenômenos sociais e da informação social neste texto, somos levados à compreensão dos desdobramentos desta análise fílmica. Mais uma vez, recorreremos ao protagonismo de Willian no filme, pois não se pode temer os conflitos com aqueles que detêm o poder, como afirma Marx (1988). Ou seja, se a realidade está sendo construída, certamente ela passa por transformações inerentes à inserção dos sujeitos nessa construção, o que ocorre enquanto força motriz das lutas travadas pelos grupos sociais ao longo da história, tanto pela resistência e enfrentamento como pela alienação e aceitação.

Nesse sentido, realçamos a ideia de Certeau (2014) a força das “criações anônimas” presentes nos cotidianos e que têm força e “vivacidade”, apesar de não serem capitalizada de imediato pelos sistemas socializadores. Não por acaso, Willian sintetiza no campo da sua “cultura ordinária” as lutas e a busca das solidariedades que se configuram nas práticas dos cotidianos como táticas.

Willian não se deixa abater pelas adversidades enfrentadas, travando diferentes batalhas para exercer o seu papel de sujeito na comunidade e construir um processo emancipatório e de superação, visando a transformação social. Outrossim, a totalidade permite vislumbrar os fenômenos sociais em seu todo e não de forma isolada. É fato, porém, que o conceito de totalidade aqui empregado é complexo e amplo, pois tratar de um todo estruturado ou um conjunto de fatos, não quer dizer que isso signifique ter conhecimento de toda a realidade (KOSIK, 1986), pois toda totalidade é composta de partes, no caso da sociedade, ligadas entre si de alguma forma. Como exemplificado no filme, podemos destacar as relações presentes entre as questões políticas, econômicas e climáticas à forma como essas encontram-se interligadas.

No campo social, as tensionalidades são constantemente identificadas especialmente entre os grupos sociais e as lutas por poder, seja na política, na religião ou por questões econômicas e/ou sociais, apenas para citar algumas possibilidades. Assim, as situações de disputas estabelecem conflitos que, muitas vezes, são necessários para evitar que atores dominantes exerçam sua hegemonia que leva à dominação e a processos exploratórios tão comuns entre classes sociais distintas, por exemplo. As motivações que dão origem às tensionalidades podem ser de diferentes ordens e legitimidade, como aquelas que observamos no filme ora analisado, oriundas de conflitos geopolíticos e econômicos, de natureza interna (entre os indivíduos da própria comunidade) ou de origem externa (líderes políticos e empresas).

Nessa análise, ao discorrermos sobre essas três dimensões da informação social: *historicidade*, *totalidade* e *tensionalidade*, à luz do que foi tecido por Cardoso (1994), buscamos articular elementos que se manifestam na realidade social da narrativa do filme “O menino que descobriu o vento.” Outrossim, que advêm das lutas cotidianas, das práticas sociais e culturais e da produção e apropriação de saberes e seus significados nas dinâmicas da construção históricas dos sujeitos em seus cotidianos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos a análise fílmica de “O menino que descobriu o vento” sob olhar construído à luz dos conceitos de cultura e de informação social, vislumbramos refletir sobre o poder simbólico das bibliotecas como lugar de produção e apropriação de conhecimento, mesmo se ela representa um sistema de adversidades oriundas das tensionalidades observadas na dura realidade de países cujos conflitos sociais, econômicos e políticos fazem parte de uma totalidade de dinâmicas históricas em contextos de desigualdades sociais.

Na análise do filme, ao mostrar a biblioteca como um campo de acesso ao saber, aparentemente livre das estruturas hierarquizadas e dos discursos políticos tradicionais observados na escola, pretendemos evidenciar que se trata de um espaço que deve ser necessariamente democrático para a promoção e apropriação da informação. E, sem dúvida, o papel do mediador da informação, que tece os fios das vivências e das experiências sociais e culturais, ajuda a dar outra forma ao tecido da realidade presente no vilarejo e no futuro de William Kamkwamba, protagonista do filme.

Nesse âmbito a biblioteca escolar, como a primeira, a inicial de um ciclo, deverá, fundamentalmente, ser aquela que irá propiciar uma pesquisa, não somente física, mas simbólica também, sem restrições, guiada pela curiosidade do estudante e mediada pelo descomprometimento de dogmatismos. Metaforicamente biblioteca escolar é uma “bomba-

relógio”, pronta para explodir, pois apesar da vontade política, possui o elemento básico para a formação e desenvolvimento da ação e reação do indivíduo, a informação.

A história do menino que descobriu o vento não somente representa a mudança ocorrida naquela específica comunidade Malawi, na África. Traz à tona importantes reflexões sobre questões sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais que, em pleno século XXI, ainda parecem longe de serem extintas no mundo. Para muitas famílias, a ida dos filhos à escola significa o sonho de mudança de vida, uma chama de esperança; para outras, representa algo inatingível por aceitarem o lugar de dominação imposto e sem questionar as desigualdades advindas de um sistema político-econômico capitalista que intensifica pobreza e alienação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B.; CARDOSO, A. M. P.; TRAD., M. G. A. F.; AZEVEDO, M. A. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33134>. Acesso em: 22 nov. 2019.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13062>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**. São Paulo: UNESP, 2014.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Da leitura de mundo à leitura da palavra: a mediação da informação social à luz das teorias de Paulo Freire. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 17, 2016, Salvador. **Anais...** Salvador: ANCIB, 2016, 18p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22764>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Informação social, solidária e desenvolvimento local. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 1321-1337. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/18304>. Acesso em: 22 nov. 2019.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; NUNES, Jefferson Veras. Por uma epistémica mediacional na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2017. p. 1-20. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/index/index>. Acesso em: 24 nov. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2OYdsHg>. Acesso em: 09 ago. 2019.

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, agosto de 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 nov. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

MALAWI. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Malawi>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MARTELETO, R. Cultura da modernidade: discussões e práticas informacionais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 23, n. 2, 1994. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/74904>. Acesso em: 16 nov. 2019.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MENDONÇA, I. L.; FEITOSA, Luiz Tadeu.; DUMONT, L. M. M. Por uma relação cultural com a informação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 20., 2019. **Anais...** 2019. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/123104>. Acesso em: 22 nov. 2019.

O MENINO que descobriu o vento. Direção: Chiwetel Ejiofor. Reino Unido: Netflix, 2019. 1h 53min.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes**-conceitos e metodologia(s). *In*: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RENDÓN-ROJAS, Miguel Angel; GARCÍA-CERVANTES, Alejandro. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria-informacional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 30-45, abr. 2012. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p30>. Acesso em: 13 nov. 2019.

VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2002.

Artigo submetido ao sistema de similaridade



Submetido em: 23/03/2020 – Aprovado em: 14/04/2020 – Publicado em: 18/05/2020
